

O susto de Barack

Francisco L. Lopes

Comentário Macrométrica, 13.10.12

Agora vem o conservador Mitt Romney defender que a solução é resolver o desequilíbrio fiscal reduzindo impostos! Ao invés de aumentar impostos para corrigir o déficit, reativar economia pela queda da carga fiscal.

Certamente são muitos os assuntos de grande importância que poderiam merecer agora a atenção de um analista sério: a ameaça do “Fiscal Cliff” nos Estados Unidos, a evolução da crise europeia, a transição política na China e, no Brasil, as vicissitudes da retomada do crescimento e as dúvidas sobre os objetivos do Banco Central. A verdade, porém, é que nesse momento nada é mais interessante e divertido do que a eleição presidencial americana, que começa a assumir ares de enredo de novela das nove.

O grande puzzle, que ninguém conseguiu ainda desvendar, é como um político tarimbado, brilhante e inteligente como Obama pode ter apresentado um desempenho tão medíocre no primeiro debate da reta final da campanha. Esse fato novo, surpreendente e inesperado no jogo político, que o jornalista Andrew Sullivan habilmente denominou de “Obama Implosion”, está tendo consequências importantes na disputa. Romney continua perdendo na contagem do colégio eleitoral, mas já assumiu a liderança de votos em algumas pesquisas e abriu significativa vantagem na Florida, um dos mais importantes estados não definidos (“swing-states”).

Em nossa opinião a implosão de Obama foi consequência não de cansaço, desinteresse ou falta de preparo, mas de uma enorme surpresa magistralmente lançada em cena, como grande assertividade, por seu adversário. O próprio Obama brincou no dia seguinte que havia debatido com um cara bacana na véspera que dizia ser Mitt Romney, mas não podia ser o mesmo Mitt. A natureza do “susto” de Obama foi bem captada por [Sullivan](#):

Romney is now amazingly the clear centrist in this election, because he has now said he will reform the tax code to goose growth without adding to the tax burden of the middle class... The math cannot work, and I assume that Romney understands... [he will have to] borrow more money to cover up the gaping holes – money that is effectively a second stimulus, which is okay with the GOP because all they really care about is winning. They don't give a damn about the debt as we saw under Reagan...

Na realidade Obama teria todo direito de reclamar que desde 2010 tornou-se vítima de um congresso dominado por um partido republicano radicalizado pelo movimento

Tea Party. Eles o obrigaram a abandonar sua intenção inicial de equacionar de forma gradual o desequilíbrio fiscal produzido pelo programa de estímulo de 2009, sem a necessidade de cortes de gastos ou aumentos de alíquotas de impostos e utilizando apenas o crescimento nas receitas do governo que eventualmente resultaria da recuperação da atividade. Isto seria algo como uma reedição do ajuste fiscal da era Clinton.

O partido republicano trabalhou magistralmente a opinião pública para consolidar a percepção de que o elevado nível da dívida pública era a principal causa do baixo desempenho da economia e que o problema tinha que ser resolvido de forma drástica e imediata. Nada de gradualismo ou de tentar eliminar o déficit via crescimento. O Congresso chegou a ameaçar com a medida absurda de não autorizar qualquer emissão adicional de dívida federal – o que custou o rebaixamento do rating soberano do país - e usou todos os truques legislativos e recursos de “filabuster” possíveis para bloquear qualquer iniciativa fiscal do executivo. Ao final impuseram a solução obviamente inviável de uma super-comissão bipartidária que deveria desenhar rapidamente um rigoroso programa de ajuste fiscal sob a ameaça do Fiscal Cliff em caso de fracasso.

Obama foi para a campanha de reeleição aceitando essa imposição de um ajuste fiscal rápido e rigoroso, que supostamente seria a manifestação democrática da vontade da maioria captada pelo Partido Republicano. Apenas passou a defender que a economia da ordem de 4 trilhões de dólares a ser programada para os próximos dez anos (igual a cerca de 25% do PIB anual) deveria ser obtida de forma equilibrada, operando tanto do lado do corte de gastos como do lado do aumento de impostos sobre as rendas mais elevadas. Além disso, preservaria ao máximo a malha de segurança construída com base no tradicional sistema de social-security e com os novos mecanismos do Obamacare. Uma posição de centro bastante razoável, com responsabilidade fiscal e que parece certamente aceitável para qualquer economista.

Agora vem o conservador Mitt Romney defender que a solução é resolver o desequilíbrio fiscal reduzindo impostos! Ao invés de aumentar impostos para corrigir o déficit, será a reativação da economia produzida pela queda da carga fiscal que deverá gerar um aumento de receitas do governo suficiente para financiar os gastos públicos. Também não haveria qualquer corte nos gastos militares e a redução nos gastos não militares seria uma consequência a médio e longo prazo de reformas privatizantes no sistema de seguro médico. Ou seja, exatamente como feito por Reagan, cortar impostos e aumentar gastos para estimular o crescimento e torcer para que eventualmente a situação fiscal se resolva sozinha (o que no caso de Reagan de fato não aconteceu).

Uau!! Como Barack podia reagir a isto? De repente o presidente liberal progressista, que evitou a quebra do sistema bancário e minimizou a intensidade da segunda grande contração de 2008-9, impediu o sucateamento da indústria automobilística e promoveu grande volume de transferências de renda para sustentar a atividade econômica, se vê colocado na roupagem incômoda de proponente de um forte ajuste fiscal ortodoxo baseado em aumentos de impostos. Enquanto isso o supostamente conservador Romney se apresenta com um programa pró-crescimento, propondo corte de impostos e aumento de gastos militares.

Que susto! Barack ficou embasbacado, perplexo, sem conseguir reagir e aparentemente não acreditando no que ouvia. Não surpreende que tenha ficado por longos períodos de cabeça baixa olhando para suas notas (e não, é claro, para seus sapatos) como que buscando em algum lugar a explicação para essa inesperada mudança de eixo do debate.

E como sair da sinuca agora? Certamente foi um golpe de mestre de Mitt e se isso lhe valer a presidência terá sido bem merecida. Para Obama realisticamente resta tentar focar o debate no elitismo frio de Romney, em seu desprezo pelos 47% da população que não pagam imposto de renda e na falta de consistência do discurso republicano. Pode até tentar, como feito com muita habilidade por Joe Biden, chamar a atenção para as posições autenticamente conservadoras já explicitadas por Paul Ryan e argumentar que aquelas são as verdadeiras idéias do verdadeiro Mitt. Tentar ganhar mais com sentimentos do que com argumentos, mas certamente não será uma tarefa fácil. A reta final dessa eleição está prometendo mais emoção que os capítulos finais da Avenida Brasil!